

AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS NO BRASIL

ENTREVISTA COM MARGARETH RAGO

JULIANA GOBBI BETTI¹
DEBORA CRISTINA LOPEZ²
ANA VELOSO³

Ao denunciar o viés androcêntrico da ciência, a crítica feminista questionou não apenas métodos e teorias, mas os paradigmas estruturais que levavam à exclusão de outros sujeitos tanto da prática científica quanto do conhecimento dela oriundo. No entanto, como parte de um exercício epistemológico que foi se construindo de forma interdisciplinar e coletiva, as críticas feministas à neutralidade de métodos, à universalidade de proposições teórico-conceituais e à objetividade das análises avançaram com a proposição de alternativas, não se encerrando na discordância, mas assumindo um compromisso com a transformação social a partir de saberes “de relevância para as mulheres e suas (nossas) lutas” (Sardenberg, 2007, p. 1).

Para refletirmos sobre as especificidades desse cenário na produção científica nacional, conversamos com Margareth Rago, referência nos estudos pioneiros sobre as epistemologias feministas no Brasil. Formada em História na Universidade de São Paulo - USP em 1970, Luzia Margareth Rago também cursou Filosofia entre 1976-1979 (USP) e pós-graduação em História na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, em São Paulo. Em sua tese de doutoramento, estudou a sociedade paulistana no período de 1890 a 1930, analisando a prostituição e os códigos da sexualidade feminina. Como professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP desde 1985, tornou-se livre-docente em 2000 e professora titular em 2003. Atualmente aposentada, atua como colaboradora no Departamento de História da UNICAMP. Ao longo de sua carreira docente, foi também professora-visitante na Columbia University (NY), em 2010 e no Connecticut College (EUA), em 1995 e diretora do Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, em 2000. Ainda, coordenou a revista feminista *Labrys*, estudos feministas com Tania N. Swain até 2020 e coordena a coleção *Entregêneros* da Editora Intermeios, São Paulo.

Revista Mediação: Para começar a nossa conversa, observamos uma expansão dos estudos de gênero no Brasil em diferentes áreas do conhecimento. Na Comunicação, por exemplo, esse movimento está mais concentrado nas últimas duas décadas, embora tenhamos registros de pesquisas nessa linha desde os anos 70. Considerando então que várias áreas ainda estão construindo sua base teórico-metodológica e que temos muitas pesquisadoras iniciando sua

1 Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, com bolsa institucional. Doutora e Mestra em Jornalismo (UFSC). Coordenadora do Grupo de Estudos em Comunicação e epistemologias feministas. E-mail: jugobbibetti@gmail.com.

2 Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e docente da graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista Produtividade em Pesquisa Pq-2 do CNPq. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF), ambos na UFOP. E-mail: debora.lopez@ufop.edu.br

3 Jornalista, Doutora em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Comunicação da UFPE e Coordenadora do Observatório de Mídia. E-mail: anavelosoufpe@gmail.com

trajetória nos estudos de gênero (e começando esse percurso cada vez mais cedo, muitas vezes ainda na graduação), poderia explicar um pouco sobre como você define as “epistemologias feministas”, qual a sua especificidade?

Margareth Rago: Para construir um quadro das epistemologias feministas nós consideramos um período de mais ou menos 50 anos, com o marco do movimento feminista da década de 1970. Já nos anos 1980 aparecem as críticas, sendo que nos Estados Unidos isso já estava acontecendo há muito mais tempo. Eu, por exemplo, li a Angela Davis quando tinha 20 anos e fazia graduação em História, em 1970. Temos também a Judith Butler, a Wendy Brown, assim como na França destacamos Michelle Perrot, uma mulher muito impressionante. E agora tem as novas gerações com uma quantidade muito grande de autoras e de muita qualidade. Então, destacaria alguns pontos que acho fundamentais nessa discussão. A gente era de uma geração formada pelo marxismo, que você precisava da teoria para ir à prática. E ao longo dessas décadas me dei conta de que tivemos as práticas e as teorias vieram depois, elaborando as práticas, inclusive para dar visibilidade. Porque se você não nomeia, você não enxerga. O que você não nomeia passa despercebido. Então, você precisa de conceitos para poder dar visibilidade às práticas. E estávamos dialogando com a ciência masculina. Quando fiz o curso de História, era uma história masculina, mas ninguém falava isso. Na década seguinte, depois que já tinha me formado, que se começou a falar que aquela era uma história masculina, que era um modo de pensar masculino e sobre todas as implicações de um modo de pensar binário, machista, misógeno, mesmo à esquerda. A gente sabe que nos grupos de militância de esquerda na década de 70, as feministas reclamavam que os homens eram muito machistas, os marxistas, os da esquerda, os socialistas. Imagina à direita.

Penso que a crítica fundamental que o feminismo trouxe foi à lógica da identidade. Estou falando de um modo de pensar identitário que não tem a ver com essas discussões atuais de identidade. Falo da crítica a um modo de pensar binário, que divide o mundo entre natureza e cultura, arte e ciência, emoção e razão, privado e público. E as mulheres estão do lado da natureza, da arte, da emoção. As mulheres eram consideradas natureza, sempre associadas ao sexo. O homem ao trabalho e a mulher ao sexo. Outro binarismo muito forte dessa lógica da identidade. Tanto que o oposto do homem trabalhador é o vagabundo, o que não trabalha, e o oposto da “mulher normal” é a puta. Então a partilha não é feita pelo trabalho, é pela categoria do sexo. A mulher ainda é vista pela lente da sexualidade, do corpo, e nasceu para ser mãe. É uma lógica ancorada no século XIX, em uma racionalidade que compartilha o mundo em dois: os brancos e os negros, os homens e as mulheres, os ocidentais e os orientais. E não é apenas uma divisão, é uma hierarquização.

Os filósofos da diferença fizeram uma crítica à lógica da identidade. E por que a gente não fala do Nietzsche? Por que predominou Hegel e não Nietzsche? Temos também Foucault, uma grande referência, que tem link muito forte com a história. Foucault, Deleuze, Derrida... eles bebem em Canguilhem, Bachelard, Nietzsche. É uma tradição que foi muito silenciada e que agora tem uma grande produção. Estou falando de uma crítica que já está consolidada.

A onda feminista da década de 1970 vem nessa contracorrente da filosofia da diferença. Por isso você vai ter os feminismos da diferença se afirmando na década de 1980, dizendo: “Não podemos tirar o homem e pôr a mulher, porque nós estamos fazendo a criticado sujeito universal”. A filosofia da identidade faz uma crítica desse binarismo do sujeito universal. Então não dá para colocar a mulher no lugar do sujeito universal, porque você pensaria da mesma forma, só

trocaria os personagens. Essa crítica foi fundamental e incorporou a discussão sobre a subjetividade a partir de Foucault. Foi ele que, na década de 1970, escreveu a história da sexualidade 1, 2, 3 - e agora saiu o 4 -, que são fundamentais para mostrar de onde vem a nossa cabeça tão conservadora. Essa cabeça vem da burguesia do século XIX. A burguesia fez a crítica da nobreza, pois a nobreza não tem rainha do lar. Isso é uma coisa do século XIX, não é do século XVII e XVIII. Tanto a rainha do lar quanto o homem monocromático. Lembrem-se que o homem da corte se veste com roupas coloridas, tem cabelo comprido, se pinta, usa salto alto, e não existia a separação entre hétero e homossexual. Então, é o século XIX que faz essa ruptura e que está na cabeça da direita e da extrema-direita.

Mas como diz Foucault no volume IV da História da Sexualidade, não se trata somente do pensamento do século XIX, mas também do cristianismo. Descobri que é mais fácil fazer crítica do capitalismo do que do cristianismo. Nos textos de Santo Agostinho, por exemplo, vemos uma disputa com as mulheres, até mesmo na questão de dar à luz. Eles dizem que a mulher é a porta do diabo, que o diabo entrou pela mulher, pela maçã, a serpente, a mulher. Foi ela, não só Adão, quem levou a humanidade à queda. E ela dá à luz? Tertuliano diz que não, que quem dá à luz são os homens. O homem tem o sêmen. A mulher é um vaso, um receptáculo, como já dizia o Aristóteles. E depois, quando a maternidade é valorizada, isso acontece em detrimento do prazer, da sexualidade. Porque ela deve ser abnegada. No inglês, estamos falando em "selfless". E selfless quer dizer sem eu. Ou seja, você esquece de si. E o feminismo falou o contrário. Falou: Olha para você. Você sabe quem você é? Você conhece seu corpo? Você sabia que você tem clítoris ou clitóris? Você sabia como que é a vagina? Mas não só os órgãos sexuais. Você sabe como você sente? O que você quer? Você quer casar? Você quer ter filho? Você gosta do que eles estão fazendo?

É a crítica de uma identidade imposta às mulheres que diziam que queriam ser mulher normal. Mas quem que dizia? Eram os homens brancos, ricos, poderosos, cristãos, depois reforçados pela ciência. Eu não me canso de falar do Cesare Lombroso, um italiano do século XIX, da criminologia e da teoria da degenerência, que tem um estudo que fala da mulher e diz que as mulheres de quadril grande são prostitutas natas. A mulher de quadril grande, testa curta, tende a ser puta. O anarquista tem orelha em asa e bandido tem nariz adunco. Há mais coisas no estudo. Se você pegar o livro, quando fala do homem delinquente, ele fala também das aranhas, dos insetos, para dizer como o homem delinquente parece com esses insetos. O argumento é de que na evolução das espécies, umas espécies seguiram e outras ficaram no caminho. Então, as prostitutas, as mulheres não chegaram no mesmo patamar que os homens. Mas as prostitutas ficaram abaixo das "mulheres normais" na evolução.

A filosofia da diferença fez a crítica disso. E com Derrida passamos a trabalhar com a palavra desconstrução. Outro dia vi uma jornalista falando em desconstrução como destruição. Não é isso. Desconstrução é perceber como algo foi construído, com que materiais, com que elementos, com que formato. Não é destruição. Há alguma relação com a destruição, mas para ver como foi composto. Por exemplo, quais as condições para emergir um pensamento tão fascista? Foucault diz que o fascismo não está lá, mas aqui. O fascismo não é um regime político. É uma forma de vida. É uma forma de vida que engendra um regime político. Por isso Trump ganha. Porque muitos fascistas acham que matar pobres e deportar quem não é americano é correto, porque americano é raça pura. São essas teorias da eugenia que orientam o pensamento do século XIX. A lógica é de que os americanos são mais inteligentes, por isso que eles são mais ricos. Nesta

lógica, a riqueza teria a ver com inteligência. Há uma tradição filosófica que fez essa crítica e que inclui o feminismo. Entre elas, pensadoras como a Judith Butler e a Wendy Brown, companheira dela, que são maravilhosas. No Brasil, destacamos a Heloísa Buarque de Holanda, mas tem muita gente. Não quero citar para não esquecer de ninguém. Então, os pontos centrais dessa análise são a crítica à lógica da identidade, a crítica ao sujeito universal, a crítica ao modo de pensar que é individualizador e hierarquizador que individualiza, hierarquiza e é evolucionista.

A história é contada como uma evolução. É uma evolução de 21 séculos, notando que são 21 séculos cristãos. Como se o mundo começasse com o cristianismo e antes não existisse nada. Nós vivemos um tempo religioso e isso é, para mim, assustador. O calendário é religioso. E o outro ponto fundamental dessa concepção é que romper com essa maneira de pensar identitária e do indivíduo, da individualização, é pensar relacionalmente. Chegamos então à importância do caráter relacional. Por exemplo, atualmente estou pesquisando a aranha. Porque a aranha enreda. E descobri que muitos autores trabalham essa dimensão da aranha. Há pensadoras e pensadores, inclusive feministas, como a Lygia Pape, aquela artista que propôs as Aranhadas, abordando o enredamento como uma forma de você articular e conectar.

Essa abordagem relacional é importante porque temos uma formação muito identitária, focada no indivíduo, no único, no exclusivo, e hierarquiza descartando o resto. Por exemplo, você conhece o Darwin, mas provavelmente não conhece um crítico do Darwin, o Kropotkin. Ele é um anarquista russo que, enquanto o Darwin escreveu *A Origem das Espécies*, falando da evolução das espécies e do Darwinismo social, o Kropotkin falou que se não houvesse ajuda mútua, as sociedades não sobreviveriam. Então, sem ajuda, sem articulação, sem comunidade, a sociedade não sobrevive. Então, agora, eu pergunto: Por que nas escolas você estuda o Darwin e não estuda o Kropotkin? Por que você estuda o Hegel e não estuda o Nietzsche? Essa lógica binária, machista, sexista, racista, fascista, é que está sendo criticada pela filosofia da diferença e pelos feminismos da diferença.

As epistemologias feministas nascem nessa crítica, com todas as suas heranças. Mas elas entram nas décadas de 1970 a 1990, explodindo e crescendo. Dessa passagem da filosofia da identidade para a filosofia da diferença nasceu a noção de gênero. Porque o gênero foi uma resposta que o feminismo trouxe para, em vez de falar da mulher ou das mulheres, do sujeito, falar das relações. Então, não dá para pensar a mulher ou as mulheres fora de um contexto relacional. Não dá para você achar que as mulheres vivem numa ilha isoladas. Se consideramos o sujeito universal, entendemos que ele não tinha história. Mas com a filosofia da diferença, o sujeito é produzido num contexto relacional, de relações de poder, saber e liberdade, como defende Michel Foucault.

Revista Mediação: Como você avalia o desenvolvimento histórico das epistemologias feministas dentro de um projeto mais amplo de ciência no Brasil, em particular nessas quase três décadas desde a publicação do seu texto clássico - "Epistemologia feminista, Gênero e História"? Em que pontos avançamos e que barreiras ainda nos desafiam?

Margareth Rago: Durante muito tempo não existiu uma história das mulheres. Hoje temos a história do quarto das mulheres, a história da cozinha, a história de muitas coisas. O crescimento é muito grande. Não é uma obra de uma mulher, mas neste contexto fico muito impressionada com o livro do Alain Corbin que aborda a história do cheiro, a sensibilidade olfativa. E ele fala, por exemplo: por que foi inventado o desodorante. Por que em uma determinada época o cheiro não incomodava? Há países, como a Bolívia, em que a questão do cheiro é endereçada de maneira

distinta. Também é impressionante a história das emoções, do corpo. Então, percebemos que o que era considerado feminino, cultura feminina, entrou para a história.

De modo geral, o crescimento é impressionante. Vejo que as novas gerações também reivindicam. Se o professor ou a professora de história vai falar sobre a Revolução Francesa e não faladas mulheres, há cobrança. Acho que isso mudou muito. São gerações que chegam com outra cabeça. E não é só um crescimento na minha área de história, mas geral. Estou falando do Brasil, mas não é só no Brasil. Tive uma experiência nos Estados Unidos que é muito impressionante. A desigualdade cultural é enorme. Porque lá não tem uma USP por estado, tem dez. E um livro custa dois dólares. É impressionante a desigualdade, não só econômica, mas cultural. Temos muitas conquistas, não apenas na produção do conhecimento científico, mas também nas práticas cotidianas. Você liga a televisão, tem uma mulher negra falando. Aí aparece uma indígena.

O tema de políticas da subjetividade entrou em cena. A gente fala quem nós queremos ser, que tipo de pessoas, o que é uma subjetividade ética. O mundo capitalista está muito forte. Apesar de o neoliberalismo estar despencando, levou as coisas aos limites do possível. Tanto que está desabando. Não só desabando climaticamente, mas as relações estão desabando. Tudo que é sólido desmancha no ar mesmo. Não fica nada. Você vai comer bolacha, a bolacha encolheu. E ela é mais fininha. Você põe na boca, já derreteu. E as relações também. Então, a palavra da moda é resiliência, que é uma coisa horrorosa, mas é a ideia de que você tem que descartar tudo e se adequar ao que vem pela frente, porque você não sabe o que vem. A crítica que o Foucault faz é não só à questão econômica do neoliberalismo, mas à questão da captura da subjetividade, das pessoas acharem que é normal você olhar só para si mesmo. É um movimento de individualização. E os feminismos correm o risco de serem capturados por essa forma neoliberal de pensar. É a ideia de que você tem que ser autônomo.

O neoliberalismo capturou a palavra liberdade. Você tem que ser livre. Mas livre para quê? Para atender ao mercado. Você tem que se sujeitar ao modelo do mercado. É isso que é o sujeito neoliberal. Só que ele é visto como livre. Não tem um chefe, não tem um patrão, sou eu que decido meus horários, sou eu que faço do jeito que eu quero. A Johanna Oksala traz o debate para a pauta feminista, discutindo o sujeito neoliberal do feminismo. E esse é o principal problema. Porque se você pensar que temos vivido um momento de muito emburrecimento, em que o livro ou estudar não são mais importantes. Para que eu vou estudar o Rousseau? Para que eu vou estudar a história? Não é isso que o mercado quer? Então não precisa ter história ou filosofia nos cursos. Isso significa você ficar com a cabeça dominada pelo capitalismo neoliberal. Isso significa você ser positivista, fazer uma história como a que criticávamos nos anos 1960 e 1970.

A sensação que temos é que as pessoas não precisam mais de conceito. Elas acham que elas enxergam a realidade. E toda essa crítica que a filosofia da diferença fez, a ideia do real, da realidade e a importância do discurso, porque é o discurso que molda a realidade, ele não reflete a realidade. Então volta aquela antiga ideia de quando eu tinha 20 anos, que o discurso é evento, não tem muita importância. Ele reflete a coisa, o importante é a coisa. Foucault vai dizer que é o discurso burguês da mãe moderna que moldou a mulher para ser como algumas figuras que você vê na política que também só parecem, mas não são.

Então acho que é isso. Esse é o pior perigo que os feminismos enfrentam, é essa ameaça de captura pelo neoliberalismo, porque a captura ficou muito sofisticada.

Revista Mediação: Como um conceito, a perspectiva da interseccionalidade é um dos grandes destaques na produção acadêmica feminista da atualidade. Mas sua aplicação, muitas vezes, ainda esbarra na questão metodológica. Como você analisa a contribuição das pesquisas que têm buscado trabalhar com metodologias que valorizam as interseccionalidades, especialmente entre gênero, classe e raça, para o aprofundamento dos estudos e debates acadêmicos, se possível destacando o diálogo interdisciplinar?

Margareth Rago: O viés interseccional é fundamental, não tenho dúvida nenhuma. Existe uma história de construção da individualização das ciências. A ideia de que história estuda o tempo, geografia estuda o espaço. Hoje não é mais assim. Hoje a gente pensa tempo-espaço. Às vezes você até fala para uma pessoa: “Não sei se eu vou ter espaço para isso”. E você está falando tempo. A interseccionalidade faz parte dessa grande construção de um pensamento relacional. Por isso que gosto da teia da aranha. Enreda o que antes parecia que deveria ficar. Quanto mais a gente conseguir articular as áreas, desfazer essa construção moderna do século não sei quanto, que não precisa ser assim...

A ideia do panóptico de Foucault, aquele edifício central que individualiza os corpos para vigiar melhor. Eu acho que essa ideia e a teia de aranha como contraponto do panóptico, são fundamentais. Também, é importante ter um pensamento comum, a ideia de comunidade, a ideia de construir formas de pensar libertárias, comunitárias, que não excluem, que não sejam hierarquizantes. Porque o pensamento hierárquico é detonante.

Essa questão é muito complicada. E não sei se temos outra saída nesse mundo. Ou vamos naufragar, ou é o fim do mundo mesmo. Daí a importância dessas conexões delicadas, difíceis, mas necessárias. E é geracional também, com gaps geracionais cada vez mais perceptíveis. As mudanças são muito rápidas e o gap é muito aprofundado.

Revista Mediação: Como você percebe o papel social das pesquisadoras feministas em meio ao recrudescimento dos conservadorismos e da extrema-direita no cenário mundial, com seus intensos ataques aos direitos reprodutivos e direitos sexuais das mulheres, em explícita tentativa de sufocar, ou mesmo apagar conquistas históricas?

Margareth Rago: Olha o que o Trump está falando das deportações. Eu acho que a coisa é muito assustadora, sem dúvida alguma. E, por exemplo, com esse trabalho do Jonathan Justino sobre os travestis, estou tomando contato com essa realidade de pessoas em situação de rua e travestis em postos de saúde, que eu não tinha ideia. Porque a gente também está vivendo em bolhas, e a pandemia acentuou isso. E você não conhece a realidade das pessoas. Penso que as pesquisadoras feministas são fundamentais, sem dúvida alguma. Eu continuo achando que, como disse um cara que nem era feminista, o Eric Hobsbawm, a revolução do século XX foi a feminista. E não é uma mulher feminista falando, é um homem marxista comunista. E ele tem toda a razão, as mulheres fizeram a diferença. E a partir das pesquisas feministas é que se abriu espaço para pesquisas de outros grupos, inclusive das masculinidades.

A formação dessas pesquisadoras também é fundamental. Mas penso que é fundamental introduzir essas críticas tão amadurecidas que o feminismo propiciou. Acho que não é só o feminismo hoje, mas ele abriu o leque. É por conta do feminismo que a gente começou a olhar para a cultura oriental. Então descobrimos que os japoneses, por exemplo, pensam diferente. Eles não acham que o escuro é sombrio. Eles acham que é mais importante a sombra do que as luzes. Esses questionamentos transcendem a questão de gênero estritamente, mas elas vêm a

partir da discussão de gênero. Porque as mulheres interpretam o mundo de uma maneira muito diferente ainda hoje.

Porque é uma formação. Você é formado a ser mais ligado com o corpo, com a sensibilidade, com as emoções. Não é verdade que as mulheres vivem mais que os homens? Isso é porque elas se cuidam mais? Tem uma diferença de formação, mas os homens têm se feminizado nesse sentido cultural, não sexual. Também pode ser sexual, mas não é isso que é importante. A questão é a cabeça. Precisamos outro olhar que desnaturalize, desierarquize, desfascistize, como diz o Foucault. E enxergar que as relações de poder não estão lá, mas estão cá. Estão no cotidiano. E às vezes até de mulher para mulher.

Lamento muito que a querida Tânia Swain tenha encerrado a revista labrys.net.br. Foram 31 números de uma revista feminista brasileira, estrangeira. A única coisa é que ela não admitia homens. Só tinha mulheres. Porque ela falou que os homens têm muitas revistas. Então é a nossa. Ela era muito radical. E é uma pena porque realmente uma das melhores revistas de estudos de gênero que conheço é a Labrys.

Revista Mediação: E tem uma questão que que impacta também. Quando a gente não consegue construir o pensamento feminista sem acionar o viés ativista e sem ter um envolvimento tão forte e emocional que acaba sendo físico. Então como contexto a gente tem esse nesse cenário de intensificação da extrema direita. Parece que o esgotamento que a gente sente vai se potencializando ao mesmo tempo que a importância da atuação aumenta.

Margareth Rago: Estou sentindo isso também. Um cansaço. E entendo também as pessoas da minha geração que falaram que não aguentam mais. Eu entendo muito bem. É um esgotamento, um cansaço que é lucrativo para a direita. Por isso é importante renovar os quadros, ter as novas gerações chegando. Porque a luta continua. É a famosa frase: a luta continua. Isso é enredar. Para o capitalismo, interessa individualizar e isolar. Assim, um olha para o outro por uma imagem que vem da televisão. Enxerga uma realidade que não é a tua. Eu acho que essas imagens construídas e impostas são muito negativas. E a falta de convivência: não cruza com as pessoas, não conversa, não troca. É uma falta de comunicação assustadora. Eu acho que essa quebra de comunicação entre as pessoas atrapalha tudo, porque você não sabe o que a pessoa quer, o que está pensando. Como que ela está enxergando, o que que ela está desejando, o que que ela está precisando.

Revista Mediação: Considerando toda sua experiência acadêmica, gostaríamos de fazer também aquela pergunta clássica: que conselhos, o que diria para as pesquisadoras que estão chegando agora no campo dos estudos de gênero? Qual seria seu conselho? Não o que pensar, mas como lidar com isso?

Margareth Rago: Criar pontes entre as pessoas, se articular, porque isso dá energia, isso te puxa, te cria estímulos, incentivo, isso acho fundamental. Agora, sou uma pessoa muito curiosa, gosto de saber o que está rolando, quais são os novos livros, acho que estudar é fundamental. Eu nasci com livros, fui para a escola muito cedo e não saí da escola, virei professora. Estou sempre na escola e, para mim, estudar é fundamental, areja a minha cabeça. Acho que os estudos feministas trazem uma contribuição maravilhosa, então tem que ler, tem que se informar, tem que conhecer, tem que ir nas galerias de arte, tem que ver o que está rolando, isso acho fundamental.

Então daria esse conselho de abertura para o outro, e pensar um pouco na questão da amizade, porque você pode ter abertura para o outro para você mandar no outro, para você governar o outro, ser pastor. Foucault fala que o poder pastoral, a relação pastor, ovelha, rebanho. Rebanho quer dizer não sei de mim, ele que sabe, sou selfless, ele que sabe. Essa relação que nasce com o cristianismo na igreja, nasce no cristianismo, com a igreja, sai da igreja e cai no mundo. Então, pastor feminista não precisa, não estou pensando nem nos cultos evangélicos, estou pensando em nós mesmos. É igual ter gente querendo ser pastora, que nós somos. Por isso que achei a questão da subjetividade fundamental. Se abrir para o outro, mas depende de como. Eu não quero ninguém me governando, mandando em mim. Também não quero mandar em ninguém, porque não sei, não conheço.

Diria isso, que ficar ligado, ficar ligado e se articular. E acho que escolher bem com quem se articula. Para gente é importante saber o que está rolando na área feminista, quem são as pessoas, onde estão os estudos. Quanto mais você tem grupo, você agita, você se potencializa. Eu acho que existe, sim, um interesse em criar uma cidade individualizadora para as pessoas não se conhecerem, não se encontrarem e não se articularem. Precisamos de diálogo. Interseccional, comunitário, aranha. O enredamento ganha do privilégio, da individualização e hierarquização.

Referências

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, p. 89–98, 2013.

RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo, 1990.

SARDENBERG, Cecília. *Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?* 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>. Acesso maio 2024.